ISSN: 2358-8829

A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO: MULTILETRAMENTOS E IAG NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO AMORIM – BAHIA

Edivanira Mendes Sant Ana Pires[1]
Tânia Maria Hetkowski [2]

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vivencia profundas transformações informacionais e tecnológicas, intensificadas pela expansão da Inteligência Artificial Generativa (IAG), que desafia concepções de autoria, verdade e produção do conhecimento. Na escola pública, esse cenário evidencia a necessidade de promover multiletramentos e letramento em IAG, superando abordagens instrumentais que reduzem o trabalho docente à execução de procedimentos técnicos.

A pesquisa emerge de uma trajetória profissional na educação pública da Cidade Baixa de Salvador/BA, marcada pela constatação de que a inserção das tecnologias digitais frequentemente ocorre de maneira pontual e descontínua. Nesse contexto, articula-se ao projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, vinculado ao Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB), compreendendo a rádio escolar como dispositivo pedagógico de autoria, escuta e valorização das memórias e dos saberes do território de Itapagipe.

O estudo busca investigar como uma proposta de formação continuada colaborativa, articulada à rádio escolar, mobiliza saberes docentes sobre multiletramentos, letramento em IAG e Educação Científica crítica. Especificamente, pretende mapear saberes e percepções docentes; desenvolver trilhas formativas colaborativas; analisar sentidos produzidos sobre autoria, ética, curadoria crítica e mediação pedagógica; interpretar sequências didáticas e artefatos midiáticos, como podcasts e programas de rádio; e sistematizar diretrizes formativas contextualizadas.

[1]*Mestranda do PPGEDUC/UNEB, Integrante do Grupo de Pesquisa GEOTEC. E-mail: edivanirapires@educacaosalvador.net*
[2] Professor orientador: *Dra.Tânia Maria Hetkowski, PPGEDUC/UNEB, Líder do Grupo GEOTEC. E-mail: taniah@uneb.br*.

ISSN: 2358-8829

A relevância da investigação reside na contribuição para práticas pedagógicas críticas e emancipatórias, fundamentadas na autoria humana, na reflexão ética e na curadoria algorítmica. Alinha-se à Política Nacional de Educação Digital (Lei nº 14.533/2023) e ao Referencial de Saberes Digitais Docentes (MEC, 2024), contribuindo para o debate sobre formação docente colaborativa e uso crítico da IAG na Educação Básica pública.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Epistemologias Decoloniais, Justiça Cognitiva e Práxis Libertadora

A fundamentação epistemológico-política desta investigação assenta-se no pensamento crítico e decolonial latino-americano. Em diálogo com Catherine Walsh (2009), Walter Mignolo (2008) e Aníbal Quijano (2005), compreende-se que a modernidade/colonialidade erigiu uma matriz hegemônica de poder e saber que historicamente inferiorizou e invisibilizou os conhecimentos periféricos, comunitários e territoriais. No ambiente digital contemporâneo, a expansão da Inteligência Artificial Generativa corre o risco de aprofundar essa colonialidade algorítmica, haja vista que os grandes modelos de linguagem são treinados em bases de dados predominantemente eurocêntricas e anglófonas, reproduzindo vieses e padrões homogêneos de linguagem e cultura.

Frente a essa hegemonia, Mignolo (2008) convoca à 'desobediência epistêmica', um movimento de ruptura que reivindica a legitimidade dos saberes situados nos territórios de reexistência. Complementarmente, Boaventura de Sousa Santos (2016) postula a necessidade da 'justiça cognitiva' por meio da 'ecologia de saberes', afirmando que não há justiça social global sem justiça cognitiva global. No chão da escola pública, a ecologia de saberes promove o diálogo horizontal entre o conhecimento científico sistematizado e a memória popular e ancestral da comunidade.

Essa postura política ganha sustentação pedagógica na práxis libertadora de Paulo Freire (1987, 1996). Freire ensina que 'ler o mundo precede a leitura da palavra' e que a educação autêntica realiza-se no ciclo dialético de ação-reflexão-ação. Diante dos discursos automatizados da IAG, a formação docente deve promover a transição de uma 'transitividade ingênua' para uma 'transitividade crítica' (Freire, 1967/2021), na qual o sujeito investiga a realidade, problematiza as aparências e constrói o 'inédito viável' enquanto prática da liberdade.

ISSN: 2358-8829

2.2 Intelectualidade Docente, Práxis e a Tecnologia como Techné

No eixo pedagógico-formativo, contrapõe-se a racionalidade técnica que historicamente tentou reduzir o professor a um mero aplicador de currículos ou transmissor de pacotes instrucionais. Apoiando-se em Henry Giroux (1997), a pesquisa afirma os professores como 'intelectuais transformadores', sujeitos políticos e criativos capazes de exercer a crítica social e de reestruturar o trabalho pedagógico em favor da emancipação discente. Essa concepção articula-se aos estudos de Maurice Tardif (2002) e Selma Garrido Pimenta (1999) sobre os saberes docentes, reconhecendo que a profissionalidade constrói-se na mobilização de saberes plurais, disciplinares, currais, pedagógicos e, sobretudo, experienciais.

Tânia Maria Hetkowski (2004, 2020) oferece a densidade conceitual necessária para compreender a tecnologia na cibercultura. Para a autora, a tecnologia não é um aparato maquínico neutro ou um mero recurso didático, mas a materialização da própria ciência e da ação criativa humana (techné). Hetkowski defende a 'prática instituinte' na escola, desafiando a lógica burocrática para instituir espaços de autoria, nos quais o professor atua como designer de experiências formativas e produtor de culturas digitais situadas.

2.3 Multiletramentos, Letramento Crítico em IAG e a Rádio Escolar

A discussão sobre mídias e linguagens ancora-se nas proposições dos multiletramentos e letramentos plurais (New London Group, 1996; Rojo, 2012; Ferraz, 2020). Roxane Rojo (2012) destaca que a contemporaneidade exige a apropriação de textos multissemióticos e multimodais que circulam nas redes digitais. Obdália Ferraz (2020) avança ao conceituar os 'letramentos hipermidiáticos e plurais', defendendo uma abordagem intercultural e decolonial que reconheça a convergência de matrizes verbais, sonoras, visuais e digitais sem hierarquizações eurocêntricas.

Com a difusão da Inteligência Artificial Generativa, emerge a necessidade do 'letramento em IAG' (Kaufman, 2025; Pimentel & Carvalho, 2025; UNESCO, 2024). Conforme assinala Dora Kaufman (2022, 2025), a IA opera como um agente cognitivo opaco que processa estatisticamente padrões de dados, estando sujeita a 'alucinações' (geração de fatos plausíveis, porém falsos) e à amplificação de vieses discriminatórios. O letramento em IAG transcende o domínio operacional de ferramentas ou a mera 'engenharia de prompts'; exige a capacidade de auditoria crítica de fontes, checagem de evidências e a assunção de uma 'autoria híbrida humano-IA' (Holmes et al., 2022), na qual

a mediação pedagógica e a decisão ética permanecem rigorosamente sob controle humano.

É exatamente nesse ponto que a Rádio Escolar reafirma sua potência. Embasada em Mario Kaplún (1998), Jesús Martín-Barbero (2014) e Kátia Soane Araújo (2015, 2016), a rádio é uma mídia de proximidade e um dispositivo pedagógico de escuta e enunciação. Em contraponto à massificação da Indústria Cultural (Adorno & Horkheimer, 1985) e à automação algorítmica da IAG, a rádio escolar produz um movimento humanizador: em vez de automatizar, humaniza; em vez de padronizar, singulariza; em vez de silenciar, amplifica vozes; e em vez de produzir consumo passivo, produz autoria.

2.4 Território Usado e Lugar Vivido

A dimensão geográfico-territorial da pesquisa apoia-se no pensamento do geógrafo Milton Santos (2000, 2002). Em A Natureza do Espaço, Santos formula a categoria de 'território usado', compreendendo o espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, atravessado por relações de poder, técnicas, tempos e contradições sociais. A Escola Municipal Alfredo Amorim e a Península de Itapagipe configuram-se como um território usado denso de história, marcado por lutas operárias e comunitárias, mas também por saberes tradicionais da Cidade Baixa de Salvador.

Em diálogo complementar, Yi-Fu Tuan (1980) diferencia 'espaço' abstrato de 'lugar' vivido, onde as relações humanas constroem laços afetivos e de pertencimento (topofilia). A articulação entre Milton Santos e Yi-Fu Tuan assegura que a formação em IAG e Rádio Escolar não ocorra de forma descontextualizada, mas enraizada no sentimento de pertencimento e na valorização da memória local.

3. METODOLOGIA

A opção metodológica desta investigação filia-se à abordagem da Pesquisa Colaborativa, assumindo como matriz conceitual e epistemológica central as proposições de Serge Desgagné (2007), articuladas operacionalmente ao percurso do Ergon desenvolvido por Ivana Ibiapina (2008).

Desgagné (2007) conceitua a pesquisa colaborativa como um processo de co-construção de um objeto de conhecimento entre pesquisadores universitários e professores da Educação Básica. Essa abordagem fundamenta-se em três pilares estruturantes: 1) Co-construção do objeto de conhecimento, partindo das preocupações reais do chão da escola; 2) Duplo registro, operando simultaneamente na produção de

saberes acadêmicos e no desenvolvimento profissional docente; e 3) Mediação entre duas comunidades, aproximando a cultura universitária da cultura escolar sem impor hierarquias. Desgagné enfatiza que o professor atua como ator social competente e co-construtor, não devendo ser sobrecarregado com as tarefas burocráticas da pesquisa formal, cuja responsabilidade de sistematização permanece com a pesquisadora.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Alfredo Amorim, localizada no bairro da Ribeira, Península de Itapagipe, em Salvador/BA. Participaram colaborativamente 9 professores regentes do Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e do Atendimento Educacional Especializado (AEE), a maioria dos quais residente no próprio território de Itapagipe.

O percurso investigativo organizou-se em 6 Trilhas Formativas Colaborativas (Ibiapina, 2008):

- Trilha 1 — Sensibilização e Pactuação Colaborativa: Leitura conjunta do TCLE, apresentação da proposta e estabelecimento do contrato ético de horizontalidade;
- Trilha 2 — Diagnóstico dos Saberes e Necessidades: Aplicação do Questionário Diagnóstico 'IA na Prática Pedagógica' e realização da primeira Roda de Conversa;
- Trilha 3 — Círculos Reflexivos e Apropriação Crítica: Encontros de estudo sobre ética algorítmica, alucinações, vieses e oficinas de Engenharia de Prompts (Framework CRAFT / ECBI);
- Trilha 4 — Cocriação Pedagógica: Elaboração colaborativa de Sequências Didáticas (SDs) integrando IAG e Educação Científica;
- Trilha 5 — Ação em Campo e Produção de Artefatos: Aplicação das SDs em sala de aula e gravação dos podcasts/programas de rádio com os estudantes;
- Trilha 6 — Reconstrução da Práxis e Produto Educacional: Análise dos deslocamentos formativos, avaliação via rubricas e consolidação do Guia de Diretrizes Formativas Situadas.

A análise dos dados estruturou-se em uma bipartição metodológica segundo a natureza dos materiais produzidos:

1) Materiais Discursivos e Processuais (transcrições das Rodas de Conversa, Círculos Reflexivos, Portfólio Digital/Padlet e Diários de Bordo): Submetidos à Análise

Categorial-Discursiva de Matriz Dialógica (Bakhtin / Ibiapina), aplicando a espiral reflexiva de Ibiapina (Descrição → Informação → Confrontação → Reconstrução);

2) Produtos Estruturados e Artefatos Pedagógicos (Sequências Didáticas e atividades co-criadas e): Avaliados por meio da Matriz de Rubricas Qualitativas (compreendendo 4 níveis progressivos: Nível 1 – Inicial, Nível 2 – Emergente, Nível 3 – Proficiente e Nível 4 – Crítico-Transformador).

O estudo cumpre rigorosamente os preceitos éticos da Resolução CNS nº 510/2016, respaldado pelo Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB (CEP/UNEB nº 8.377.514, CAAE 96863525.0.0000.0057), assegurando o anonimato dos participantes mediante o uso de pseudônimos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Mapeamento Inicial dos Saberes, Práticas e Inquietações Docentes

Os dados obtidos no Questionário Diagnóstico e na Roda de Conversa Inicial revelaram um panorama de intensas ambiguidades em relação à IAG. Embora 88% dos professores relatassem já ter ouvido falar ou experimentado ferramentas como o ChatGPT, o uso predominante restringia-se a tarefas administrativas pontuais ou à busca simplista de ideias para planos de aula.

Emergiram três grandes eixos de inquietação docente: a) O receio do plágio e da perda do esforço cognitivo por parte dos estudantes, levando alguns professores a substituir pesquisas escolares por avaliações tradicionais; b) A falta de clareza sobre 'prompts', com comandos genéricos que resultavam em respostas descontextualizadas; e c) O medo da substituição profissional e da desvalorização da função docente diante da automação algorítmica. Esses achados corroboram a tese de Bernardete Gatti (2023) sobre a urgência de superar abordagens instrumentais para evitar a formação de docentes meramente 'apertadores de botões'.

4.2 O Percurso Formativo nas Trilhas Mediadas pela Rádio Escolar

Ao longo dos Círculos Reflexivos (Trilhas 3 e 4), o grupo vivenciou oficinas práticas de Engenharia de Prompts utilizando a estrutura CRAFT (Contexto, Papel, Ação, Formato e Tom) e o protocolo de Estruturação e Checagem de Evidências na Educação Científica (ECBI). Os professores experimentaram interagir com aplicativos de IAG não como uma fonte de 'respostas prontas', mas como um 'interlocutor de ideação' a ser constantemente auditado.

A introdução do projeto 'A Rádio da Escola na Escola da Rádio' funcionou como o catalisador do engajamento. Quando desafiados a transformar os tópicos científicos gerados pela IAG em roteiros para sequências didáticas, os docentes perceberam a limitação das respostas automatizadas: a IA gerava definições genéricas de ciências, mas desconhecia a realidade socioambiental das marés, da pesca e da história fabril de Itapagipe. A rádio exigiu, portanto, a intervenção humana ativa para contextualizar territorialmente o conhecimento.

4.3 Sentidos, Saberes Docentes e a Emergência da Autoria Híbrida Humano-IA

A Análise Categorial-Discursiva das falas e dos registros no Padlet evidenciou deslocamentos reflexivos profundos, mapeados pela espiral de Ibiapina (2008):

- Descrição: O professor relata o uso inicial ingênuo da ferramenta ('No começo eu pedia o plano pronto e achava ótimo, mas a aula ficava fria e sem relação com os alunos');
- Informação: Busca de fundamentação teórica sobre ética e limites da IA ('Compreendi no círculo reflexivo que a IAG não pensa, ela calcula probabilidades e alucina dados');
- Confrontação: Problematização dos vieses algorítmicos e da perda de autoria (Se eu aceitar o texto do ChatGPT sem questionar, estou apagando a história do nosso bairro e ensinando meu aluno a ser passivo);
- Reconstrução: Reconfiguração autoral da práxis (Agora uso a IA para ter ideias iniciais de pauta, mas a curadoria, a checagem das fontes e a gravação do podcast com a voz dos estudantes são nossas).

Esses depoimentos demonstram a emergência do conceito de autoria híbrida humano-IA (Kaufman, 2025; Holmes et al., 2022). A Inteligência Artificial passa a atuar como parceira de ideação e coautora no planejamento pedagógico, contudo a mediação ética, a contextualização territorial e a produção do sentido crítico permanecem rigorosamente sob liderança humana.

4.4 Interpretação das Práticas Elaboradas: Sequências Didáticas e Artefatos Sonoros

A avaliação das Sequências Didáticas (SDs) e dos Podcasts produzidos, realizada por meio da Matriz de Rubricas Qualitativas, demonstrou uma evolução consistente dos professores do Nível 1 (Inicial) para os Níveis 3 (Proficiente) e 4 (Crítico-Transformador) nos critérios centrais:

ISSN: 2358-8829

Critério de Análise	Nível Inicial (Pré-Formação)	Nível Atingido (Pós-Trilhas)	Evidência Empírica nos Artefatos
Uso Pedagógico da IAG	Reprodução automática de planos sem ajustes	Uso crítico, criativo e autoral como parceira de ideação	SDs com prompts estruturados (CRAFT) e curadoria ativa das respostas
Letramento Crítico em IA	Desconhecimento de vieses e alucinações	Problematização ativa de fontes e ética algorítmica	Roteiros contendo sessões explícitas de auditagem de fatos gerados por IA
Educação Científica Crítica	Ensino transmissivo de conceitos descontextualizados	Investigação sociocientífica ancorada no território	Podcasts abordando a poluição da Baía de Todos os Santos
Rádio como Dispositivo	Uso técnico ou ausente	Espaço de enunciação, escuta e valorização do lugar	Mídias gravadas com professores resgatando memórias de Itapagipe

Como evidenciam os dados da Tabela 1, o ecossistema da rádio escolar converteu o conteúdo gerado por IAG em objeto de investigação. Os professores produziram propostas pedagógicas investigativas sobre a preservação ambiental do ecossistema de manguezais da Península de Itapagipe, utilizando a IAG para simular perguntas e construir hipóteses, mas valendo-se da escuta de moradores antigos e da observação em campo para validar e gravar as narrativas sonoras finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação demonstrou que a formação continuada colaborativa de professores, mediada pelo projeto 'A Rádio da Escola na Escola da Rádio' e balizada pelas diretrizes dos multiletramentos e do letramento em IAG, constitui uma via potente para a promoção da Educação Científica crítica na escola pública. Ao articular o aporte teórico da Decolonialidade, do Intelectual Transformador e da Tecnologia como techné, a pesquisa superou abordagens instrumentais, afirmando a capacidade da comunidade escolar de produzir conhecimentos autorais, situados e socialmente referenciados.

As principais conclusões do estudo reiteram que: 1) A IAG não substitui a mediação docente, mas exige a ampliação do agency do professor enquanto designer de experiências e curador ético; 2) A rádio escolar atua como um contraponto humanizador e singularizador frente à padronização algorítmica; e 3) A pesquisa colaborativa

(Desgagné/Ibiapina) reafirma a escola pública como um território vivo de produção científica, inclusão digital e justiça cognitiva.

Apesar das limitações temporais do calendário escolar, o estudo abre agendas para investigações futuras sobre a avaliação da aprendizagem discente em contextos de autoria híbrida e a expansão de ecossistemas digitais abertos em redes municipais de ensino.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARAÚJO, Kátia Soane Santos. A Rádio da Escola na Escola da Rádio: Uma proposta de Educação científica desenvolvida com alunos da escola Municipal Roberto Santos/SSA-BA. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

BAKHTIN, Mikhail M. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital (PNED). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Referencial de Saberes Digitais Docentes (MSDD). Brasília, DF: MEC, 2024.

DESGAGNÉ, Serge. Le concept de recherche collaborative: l'idée d'rapprochement entre chercheurs et praticiens. Revue des sciences de l'éducation, v. 23, n. 2, p. 371-393, 2007.

FERRAZ, Obdália Santana Silva; XAVIER, Heráclito Santos Martins. Letramentos hipermidiáticos e produção de apps na formação docente. Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 46-64, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, Bernardete Angelina. Contemporaneidade: educação, modernidade e pós-modernidade. Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, e11995, 2023.

GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HETKOWSKI, Tânia Maria. Políticas Públicas: Tecnologias da Informação e Comunicação e Novas Práticas Pedagógicas. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

HOLMES, Wayne et al. Artificial Intelligence and Education: Guidance for Policy-makers. Paris: UNESCO, 2022.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

KAPLÚN, Mario. Una pedagogía de la comunicación. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

KAUFMAN, Dora. Desmistificando a Inteligência Artificial. São Paulo: Autêntica, 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

OLIVEIRA, Angelo Dantas; NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. Decolonizar o povo para descolonizar os sistemas de educação: entre as fissuras e semeaduras. Revista Práxis Educacional, v. 19, n. 50, e12042, 2023.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe. Inteligência Artificial Generativa na Educação: práticas situadas e agency docente. Rio de Janeiro: Editora Informática na Educação, 2025.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

ROJO, Roxane (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, 2016.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UNESCO. Orientation according to Ethics of Artificial Intelligence in Education. Paris: UNESCO, 2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação Intercultural na América Latina. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.